

**Pr. Leandro B. Peixoto**

*Segunda Igreja Batista em Goiânia*

*www.sibgoiania.org*

09 de agosto de 2020

---

[O PODER DO AMOR]

Msg. 11

## **A PRÁTICA DO AMOR**

### **PARTE 4**

**[Filemom 8-16]** <sup>8</sup>Por isso, ainda que pudesse exigir em Cristo que você faça o que é certo, <sup>9</sup>prefiro pedir com base no amor — eu, Paulo, já velho e agora prisioneiro de Cristo Jesus. <sup>10</sup>Suplico que demonstre bondade a meu filho Onésimo. Tornei-me pai dele na fé quando estava aqui na prisão. <sup>11</sup>Onésimo não lhe foi de muita utilidade no passado, mas agora é muito útil para nós dois. <sup>12</sup>Eu o envio de volta a você, e com ele vai meu próprio coração. <sup>13</sup>Gostaria de mantê-lo aqui comigo enquanto estou preso por anunciar as boas-novas; assim ele me ajudaria em seu lugar. <sup>14</sup>Mas eu nada quis fazer sem seu consentimento. Meu desejo era que você ajudasse de boa vontade, e não por obrigação. <sup>15</sup>Ao que parece, você perdeu Onésimo por algum tempo para ganhá-lo de volta para sempre. <sup>16</sup>Ele já não é um escravo para você. É mais que um escravo: é um irmão amado, especialmente para mim. Agora ele será muito mais importante para você, como pessoa e como irmão no Senhor.

*Continuação da parte 3...*

### **A TRANSFORMAÇÃO QUE NOS LIBERTA PARA AMAR**

Vimos pela manhã que para conseguirmos praticar o amor e as boas obras, para sermos capazes de amar segundo o evangelho de Cristo, a *primeira coisa* que nós precisamos é ser constrangidos pelo amor a praticar o amor e amar. *Mas tem algo mais*: esse amor que nos constrange a amar é fruto da transformação pela qual nós passamos em Cristo, constrangendo-nos e nos libertando para amar (vs. 10-12).

Vimos ainda que as duas evidências para as quais Paulo direciona a atenção de Filemom para comprovar que de fato tinha ocorrido o novo nascimento (uma transformação miraculosa) na vida de Onésimo foram o *novo comportamento* e os *novos relacionamentos* de Onésimo (vs. 11-13). Filemom, portanto, deveria perdoar com base no amor (v. 9).

### *A marca do perdão*

Essa é a força do argumento de Paulo nesta carta: Onésimo era outra pessoa em Cristo e Filemom deveria perdoá-lo, de coração.

Realmente não há nada mais inconsistente com a nova vida em Cristo do que a falta de perdão na igreja. Deixe-me dizer isso de novo: realmente não há nada mais inconsistente com a nova vida em Cristo do que a falta de perdão na igreja de Cristo.

Que escândalo a falta de perdão de Filemom e sua hostilidade a Onésimo teriam provocado dentro da igreja de Colossos que se reunia em sua casa, quando Onésimo voltou para lá acompanhado de Tíquico e disposto a pedir perdão (Cl 4.9)! Quão perturbador e divisionista teria sido aquela atitude! Mas que testemunho poderoso de fato foi o perdão de Filemom para o mundo curioso, olhando para a igreja recém-nascida, com suspeita constante! Que testemunho foi a aceitação, o perdão e o amor de Filemom ao receber Onésimo de volta, não mais como um escravo, mas um irmão amado em Cristo (Fm 16)! Testemunho escandaloso, de fato! O mundo não amava daquela maneira, e ainda não.

Na contramão do mundo, Jesus disse assim (Jo 13.35): “Seu amor uns pelos outros provará ao mundo que são meus discípulos”. Meu irmão, minha irmã, se você realmente nasceu de novo, uma das grandes marcas que todo o mundo verá na sua vida é o modo como você ama, perdoa, acolhe e cuida das pessoas no amor de Jesus. A transformação pela qual nós passamos em Cristo, constrange-nos e nos liberta para amar.

### *A semente da abolição*

Os críticos do cristianismo gostam de afirmar que a ausência de rechaço mais direto à escravidão, por parte de Paulo e da igreja primitiva, mostra cumplicidade de muitos em relação à essa barbaridade que imperou por tantos séculos no mundo. O secularista Isaac Asimov, comentando sobre a abordagem de Paulo a Filemom, escreveu:

Contudo, enquanto Paulo intercede a favor do escravo Onésimo, que é agora irmão de Filemom segundo o cristianismo, não há nenhuma sugestão por parte de Paulo de que a escravidão fosse errada e imoral como instituição. Na verdade, Paulo até aconselha os escravos a obedecerem a seus mestres. Portanto, apesar de alguns princípios inovadores, o cristianismo de modo algum foi uma doutrina de revolução social.

[Fonte: Citado por D. James Kennedy com Jerry Newcombe em *E se Jesus não tivesse nascido?* (São Paulo: Editora Vida, 2003). Pág. 36.]

Asimov, no entanto, perdeu a visão de conjunto, pois o cristianismo não afirma que aboliu a escravidão da noite para o dia. Em *primeiro lugar*, porque ninguém se transforma assim tão radicalmente da noite para o dia (e a escravidão era um pecado que se arrastava por séculos nas fibras que teciam os relacionamentos humanos). Em *segundo lugar*, se a igreja tivesse desaprovado totalmente a escravidão lá no início, ela rapidamente teria sido esmagada e o evangelho não teria se difundido como aconteceu da igreja primitiva em

diante. Com efeito, com o evangelho já difundido, as sementes para o fim da escravidão foram plantadas. Logo, com a transformação do coração, ao longo do tempo, o cristianismo reformou a ordem social radicalmente – de dentro para fora. Além disso, como colocou Kennet Scott Latourette, um grande historiador do cristianismo, “o cristianismo destruiu a escravidão dando dignidade ao trabalho [e à pessoa humana]”. [Ibid., p. 37].

As palavras de William Barclay são bastante lúcidas no que diz respeito à atitude do apóstolo Paulo e dos demais líderes da igreja primitiva. Ele escreveu:

Pode ser que Paulo tenha aceitado [não tenha atacado de frente] a instituição da escravidão porque era quase impossível imaginar a sociedade sem ela [naquele período histórico]. Além disso, se o cristianismo tivesse, de fato, dado aos escravos algum incentivo para se revoltarem ou deixarem seus senhores, nada além de tragédia poderia ter se seguido. Qualquer revolta desse tipo teria sido ferozmente esmagada; tomando por si mesmos a liberdade, os escravos teriam sido impiedosamente punidos; e o próprio cristianismo teria sido marcado como revolucionário e subversivo. Posta a fé cristã, a abolição estava prestes a chegar – mas o tempo não estava maduro; e ter encorajado os escravos a esperá-la e agarrá-la [para já] teria feito infinitamente mais mal do que bem. Há coisas que não podem ser alcançadas repentinamente e pelas quais o mundo deve esperar até que o fermento tenha agido.

[Barclay, p. 306]

O que o cristianismo fez foi introduzir um novo tipo de relacionamento entre indivíduos, no qual todas as diferenças externas foram abolidas. Os cristãos são um corpo, sejam judeus ou gentios, escravos ou livres (1Co 12.13). Em Cristo não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher (Gl 3.28). Em Cristo não há circuncidado ou incircuncidado, inculto ou incivilizado, escravo ou livre, pois Cristo é tudo que importa, e ele vive em todos (Cl 3.11).

Foi como escravo que Onésimo fugiu e foi como escravo que ele estava voltando; mas agora ele não era apenas um escravo, era antes um irmão amado no Senhor (Fm 16). Quando um relacionamento como esse entra na vida, classes sociais e diferenças deixam de ter importância, até que tudo de injusto desapareça. Os próprios nomes, senhor e escravo, tornam-se irrelevantes, pois se os senhores tratam os escravos como Cristo os teria tratado, e se os escravos servem aos senhores como se servissem a Cristo, então os termos senhor e escravo deixam de importar, de fato, desaparecem; o relacionamento deles não depende de nenhuma classificação humana, pois ambos estão em Cristo. [Ibid.]

No início, o cristianismo não atacou a escravidão; fazê-lo teria sido desastroso, conforme já foi dito, mas a fé cristã introduziu um novo tipo de relacionamento no qual as divisões humanas da sociedade deixaram de ter importância. Deve-se notar, entretanto, que esse novo relacionamento nunca deu aos escravos o direito de tirar proveito dele; ao contrário, esse novo relacionamento os tornou melhores escravos e servos mais eficientes, pois agora eles tinham que fazer as coisas de maneira a poder oferecê-las a Cristo. Tampouco significava que o senhor deveria castigar ou mesmo aceitar um trabalho ruim ou inferior;

mas significava que ele não tratava mais nenhum servo como uma coisa ou ferramenta humana, tratava-o como uma pessoa e um irmão ou irmã amado em Cristo. [Ibid.]

Essa verdade está entre os conceitos mais revolucionários que o mundo jamais testemunhou – um escravo, uma “ferramenta viva”, agora era um “irmão amado”! Até então, algo absolutamente impensável, inacreditável e impraticável! Uma declaração tão simples, mas revolucionária, foi capaz de transformar o mundo, virá-lo do avesso (Fm 16):

Ele já não é um escravo para você. É mais que um escravo: é um irmão amado, especialmente para mim. Agora ele será muito mais importante para você, como pessoa e como irmão no Senhor.

Essa declaração foi capaz de quebrar os grilhões da escravidão, como gotas ou pingentes de gelo que se derretem ao sol nascente. [Kennedy, p. 36].

Luc Ferry, filósofo francês renomado ainda na ativa (a propósito, ateu) escreveu algo que deveria nos orgulhar, enquanto cristãos:

E mais ainda: apoiando-se na definição da pessoa humana e num pensamento inédito do amor, o cristianismo vai deixar marcas incomparáveis na história das ideias. Não as compreender é também não se permitir qualquer entendimento do mundo intelectual e moral no qual vivemos ainda hoje. Para lhe dar um único exemplo, é perfeitamente claro que, sem essa valorização tipicamente cristã da pessoa humana, do indivíduo como tal, jamais a filosofia dos direitos do homem, à qual damos tanta importância ainda hoje, teria vindo à luz.

[Fonte: Ferry, Luc. *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2006. Edição do Kindle. Posição 937.]

Ferry prossegue em seu livro para dizer [Ibid., posição 1140]:

No plano moral, o cristianismo opera, portanto, uma verdadeira revolução na história do pensamento, uma revolução que ainda se fará sentir até na grande Declaração dos Direitos do Homem [e do Cidadão], de 1789 [o documento culminante da Revolução Francesa], cuja herança cristã, nesse aspecto, é indubitável.

Ferry ainda argumenta que a nossa tão doce e amada democracia é filha do cristianismo [Ibid., posição 1140-1147]:

Ao mesmo tempo, como eu dizia há pouco, a ideia de igual dignidade de todos os seres humanos faz sua primeira aparição: então, o cristianismo estará mais ou menos secretamente na origem da democracia moderna. Paradoxalmente, embora a Revolução Francesa seja por vezes fortemente hostil à Igreja, ela não deixa de dever ao cristianismo uma parte essencial da mensagem igualitária que vai contrapor ao Antigo Regime. Aliás, constatamos ainda hoje o quanto as civilizações que não conheceram o cristianismo têm dificuldade em dar à luz regimes democráticos, porque a ideia de igualdade, em especial, não é evidente para elas [é filha do cristianismo que operou para, por exemplo, colocar fim na escravidão].

*Onésimo agora bispo de Éfeso*

Pois bem, vamos avançar cerca de cinquenta anos após a carta a Filemom ter sido escrita. Inácio, um dos grandes mártires cristãos, está sendo levado, de Antioquia a Roma, para

ser executado. Enquanto é conduzido, durante a viagem mesmo, ele escreve cartas às igrejas da Ásia Menor (muitas dessas ainda sobrevivem). Inácio faz uma parada em Esmirna e escreve para a igreja de Éfeso. No primeiro capítulo dessa carta ele tem muito a dizer sobre o maravilhoso bispo da igreja destinatária. E qual é o nome do bispo? Onésimo! Exatamente! Onésimo tornara-se pastor de uma das igrejas e regiões mais importantes do cristianismo. Na carta que escreveu, Inácio fez exatamente o mesmo trocadilho que Paulo fez quando escreveu a Filemom – ele é Onésimo por nome e Onésimo por natureza, aquele que é útil para Cristo.

Trocando em miúdos: tudo indica que, com o passar dos anos, o escravo fugitivo, após servir em Colossos, tenha se tornado o louvável bispo de Éfeso. [Barclay, p. 310]. Mas como foi possível? Paulo amou Onésimo. Onésimo amou Paulo e Filemom. Filemom amou Paulo e Onésimo. A transformação pela qual os três passaram em Cristo os libertou para amarem uns aos outros e juntos cooperarem para o progresso na fé uns dos outros.

## A COSMOVISÃO QUE NOS ENSINA A AMAR

Para conseguirmos praticar o amor e as boas obras, para sermos capazes de amar e de perdoar, segundo nos ensina o evangelho de Cristo, a *primeira coisa* que nós precisamos é ser constrangidos pelo amor a praticar o amor e a amar. *Segunda coisa*, esse amor que nos constrange a amar terá que ser fruto da transformação pela qual nós passamos em Cristo, constrangendo-nos e nos libertando para a amar. *Por fim*, para amar, nós precisamos da cosmovisão que pelo Espírito nós construímos com a Escritura. Filemom 13-16:

<sup>13</sup>Gostaria de mantê-lo aqui comigo enquanto estou preso por anunciar as boas-novas; assim ele me ajudaria em seu lugar. <sup>14</sup>Mas eu nada quis fazer sem seu consentimento. Meu desejo era que você ajudasse de boa vontade, e não por obrigação. <sup>15</sup>Ao que parece, você perdeu Onésimo por algum tempo para ganhá-lo de volta para sempre. <sup>16</sup>Ele já não é um escravo para você. É mais que um escravo: é um irmão amado, especialmente para mim. Agora ele será muito mais importante para você, como pessoa e como irmão no Senhor.

Paulo pressiona, mesmo que gentilmente, Filemom a receber Onésimo em casa, não como escravo, mas como seu irmão amado. O apóstolo não queria presumir a bondade de Filemom, informando-lhe simplesmente que manteria Onésimo consigo lá em Roma com ele, porque ele era muito útil ao apóstolo na prisão. Paulo o devolveu, para que qualquer futuro ministério que Onésimo pudesse exercer (e já vimos que ele exerceu, em Colosso e depois em Éfeso) resultasse não da obrigação, mas da livre generosidade de Filemom. Mas note uma coisa.

Dito tudo isso, Paulo ofereceu a Filemom outra dica – além da que ele já havia oferecido: a transformação e os novos relacionamentos de Onésimo – que poderia ajudá-lo a reavaliar toda a situação, todo o problema, e assim conseguir perdoar. Veja o versículo 15: “Ao que parece, você perdeu Onésimo por algum tempo para ganhá-lo de volta para sempre.”

Paulo, em outras palavras, estava apontando Filemom para um dos ensinamentos mais ricos da Bíblia toda: a doutrina da soberana providência de Deus – decretando, permitindo, supervisionando e conduzindo todos os eventos da história para o bem daqueles que o amam e são chamados segundo o seu propósito.

O caso de Onésimo. Foi um servo inútil a vida toda. Roubou. Fugiu. Chegando a Roma, de alguma forma entrou em contato com Paulo. O apóstolo, por sua vez, o influenciou à conversão a Cristo. E a vida de Onésimo, desde então, se transformou completa e irreversivelmente, para sempre. Tudo isso era produto, Paulo diz, não de algum destino ou do acaso, mas do design soberano, sobrenatural, inteligente e gracioso de Deus que guiou Onésimo a cada passo, levando-o de Filemom a Paulo (do pecado à salvação) e agora de volta a Filemom (da inutilidade ao útil serviço cristão).

O que se aprende?

O Senhor fez tudo para salvar Onésimo e restaurar o relacionamento entre ele e Filemom. De fato, o transformara da água para o vinho; agora ele não era mais um escravo, pois em Cristo não há escravo nem livre, mas um irmão, um com Paulo e Filemom em Cristo Jesus. Ah! A surpreendente providência soberana de Deus!

Às vezes, penso que somos rápidos demais em questionar a misteriosa operação dos propósitos soberanos de Deus. Ficamos desesperados com a desobediência dos filhos rebeldes, as inconstâncias de um cônjuge não convertido ou a tragédia na vida de alguém querido. Oramos por essas pessoas e testemunhamos, mas nada acontece. De fato, às vezes parece que as circunstâncias conspiram contra nós e as pessoas se desviam para ainda mais longe. Nesses momentos, lembre-se de Onésimo. Lembre-se do ponto crítico a que ele chegou, até aonde ele se afastou, até aonde ele vagou perdido. Embora todos os seus caminhos tortuosos possam ter parecido aleatórios, desordenados e até desesperadores para todo mundo que estava envolvido com ele, no projeto perfeito de Deus, eles levaram aquele perdido diretamente a Paulo e a um novo começo.

Moral da história: nunca duvide da perfeita sabedoria de Deus que providencialmente faz todas as coisas sempre muito bem, para o nosso bem e a glória dele em Jesus.

Que grande argumento foi o de Paulo, o artesão de palavras! “Perdoe-o, Filemom, por causa do amor de Cristo que nos constrange a perdoar; perdoe-o por causa da transformação que ele passou (e você também passou, e eu também passei), uma transformação pelo poder do evangelho que nos liberta para amar; e perdoe-o por causa de uma visão mais profunda da vida: a visão da soberana providência de Deus. Filemom, você consegue enxergar o que Deus realmente está fazendo? Ouça, Filemom (vs. 15-16): ‘Ao que parece, você perdeu Onésimo por algum tempo para ganhá-lo de volta para sempre. Ele já não é um escravo para você. É mais que um escravo: é um irmão amado, especialmente para

mim. Agora ele será muito mais importante para você, como pessoa e como irmão no Senhor.” Ou seja: “Filemom, Onésimo estava perdido e foi achado pela graça de Deus. Ele foi salvo pela graça de Deus! E você perdeu um escravo para ganhar um irmão amado. Você foi contemplado pela graça de Deus. Perdoe Onésimo, Filemom. Perdoe-o.”

A Bíblia está cheia de histórias como essa de Filemom. O livro de Gênesis, por exemplo, o primeiro da Bíblia, culmina na incrível história de José, na qual se lê que ele foi jogado por seus irmãos em uma cova, vendido como escravo e, anos depois, quando o pai e os irmãos estavam passando fome, eles desceram para o Egito em busca de comida. Eles não reconheceram José e, quando percebem: “Oh meu Deus, o governante do Egito é o irmão que nós jogamos na cova anos atrás e depois o vendemos como escravo!” – eles ficam aterrorizados. Mas eis o que José disse em Gênesis 45.4-8:

<sup>4</sup>“Cheguem mais perto”, disse José. Quando eles se aproximaram, José continuou: “Eu sou José, o irmão que vocês venderam como escravo ao Egito. <sup>5</sup>Agora, não fiquem aflitos ou furiosos uns com os outros por terem me vendido para cá. Foi Deus quem me enviou adiante de vocês para lhes preservar a vida. <sup>6</sup>A fome que assola a terra há dois anos continuará por mais cinco anos, e não haverá plantio nem colheita. <sup>7</sup>Deus me enviou adiante para salvar a vida de vocês e de suas famílias, e para salvar muitas vidas. <sup>8</sup>Portanto, foi Deus quem me mandou para cá, e não vocês! E foi ele quem me fez conselheiro do faraó, administrador de todo o seu palácio e governador de todo o Egito.

José só conseguiu perdoar os irmãos porque tinha uma cosmovisão correta dos fatos e dos acontecimentos da história: a boa mão de Deus dirige todas as coisas para o bem daqueles que amam a Deus e são chamados segundo o seu propósito.

O mesmo Deus que conduziu a história de José do Egito, conduziu também a história de Onésimo e Filemom (Fm 15-16). Ele é o mesmo Deus que atuou através do discípulo que traiu Jesus e dos soldados que o pregaram na cruz. Atos 4.27-28:

<sup>27</sup>“De fato, isso aconteceu aqui, nesta cidade, pois Herodes Antipas, o governador Pôncio Pilatos, os gentios e o povo de Israel se uniram contra Jesus, teu santo Servo, a quem ungiste. <sup>28</sup>Tudo que fizeram, porém, havia sido decidido de antemão pela tua vontade.

Aqueles homens pecaram? Sim. Eles foram responsáveis pelo pior de todos os crimes jamais cometido: matar o Filho de Deus? Sim. Essa é a história toda? Não. Deus também foi soberanamente ativo de uma maneira que por ora nós não entenderemos completamente, e talvez nunca compreendamos. O fato é que há sim um Deus que está totalmente comprometido em fazer cumprir sua vontade soberana pelos meios de sua santa, e sábia providência. Essa mentalidade muda tudo. Como nós precisamos da cosmovisão que pelo Espírito nós construímos com a Escritura para conseguir amar – e perdoar!

## A PRÁTICA DO AMOR

A falta de perdão atrapalha a comunhão dos santos e envenena a igreja (e faz a mesma coisa no seio de famílias, no relacionamento entre amigos e no contexto social), mas o verdadeiro perdão que nasce do amor do evangelho de Cristo faz muito mais do que simplesmente curar as feridas entre duas partes hostis. Fortalece todo o corpo e dá testemunho ao mundo do poder transformador do evangelho.

Quem sabe se uma atitude implacável por parte de Filemom em relação a Onésimo poderia tê-lo desencorajado e o mandado embora, fechando todas as possibilidades de ele permanecer em Colossos e lá servir a igreja, ao tempo que crescia na graça e no conhecimento de Jesus Cristo nosso Senhor para se tornar o bispo de Éfeso. Mas tudo isso aconteceu, pois ele foi perdoado e restaurado e se tornou realmente útil.

O perdão abre possibilidades que o ressentimento e o afastamento fecham para sempre. E assim, com Deus nos capacitando pelo Espírito na medida em que nós aprendemos a nos amar em Cristo, quem sabe quais serão os caminhos de utilidade que se abrirão para nós como igreja e para você como irmão amado e ao outro e ao outro e ao outro... para o avanço do reino de Deus, de um modo que todos nós seremos úteis no evangelho pela graça de Deus.

Que Deus nos ajude e nos torne um povo de perdão e reconciliação – um povo que constrangido, transformado e instruído pelo amor de Cristo pratica o amor – para a glória e louvor do nome de Jesus Cristo na nossa vida, individualmente, e na igreja como um todo, na Segunda Igreja Batista em Goiânia.

O que lhe falta para praticar o amor?

Já provou do amor de Cristo? Esse amor lhe constrange a amar?

Já foi transformado pelo amor de Cristo? E agora, como você vive? Como são seus relacionamentos?

A visão de mundo que você tem, ela é extraída da Bíblia? Como essa cosmovisão o impulsiona a viver?

Prove de Cristo, do Cristo da Bíblia e viva para praticar o amor.

## QUATRO DICAS DE COMO PRATICAR O AMOR

Permita-me encerrar apresentando quatro dicas práticas de como praticar o amor, especialmente no que diz respeito a resolver conflitos e curar relacionamentos, nossos e dos



outros. Baseamo-nos, a seguir, na introdução de Ken Sande em seu livro *O Pacificador* [Sande, p. 12-13].

### *1 Glorifique a Deus (1Co 10.31)*

Portanto, quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam para a glória de Deus.

A prática do amor é motivada e guiada por um profundo desejo de promover honra e levar glória a Deus, revelando o amor e o poder reconciliadores de Jesus Cristo.

À medida que recorremos à sua graça, seguimos seu exemplo e colocamos em prática seus ensinamentos, podemos encontrar liberdade das decisões impulsivas e egocêntricas que contaminam nossas atitudes e elevamos louvor a Deus, demonstrando o poder do evangelho em nosso viver.

### *2 Tire o tronco do seu olho (Mt 7.5)*

Hipócrita! Primeiro, livre-se do tronco em seu olho; então você verá o suficiente para tirar o cisco do olho de seu amigo.

Atacar os outros apenas estimula contra-ataques. É por isso que Jesus nos ensina a encarar nossas próprias faltas em um conflito antes de nos concentrarmos no que os outros fizeram. Quando negligenciamos as ofensas menores de outras pessoas e admitimos honestamente nossos próprios defeitos, nossos oponentes geralmente respondem da mesma maneira. À medida que as tensões diminuem, pode-se abrir caminho para uma discussão, negociação e reconciliação sinceras.

### *3 Restaure delicadamente (Gl 6.1)*

Irmãos, se alguém for vencido por algum pecado, vocês que são guiados pelo Espírito devem, com mansidão, ajudá-lo a voltar ao caminho certo. E cada um cuide para não ser tentado.

Quando outras pessoas não conseguem ver suas próprias faltas em um conflito, às vezes precisaremos agir para lhes mostrar graciosamente a culpa delas mesmas. Se essas pessoas se recusarem a responder adequadamente, Jesus nos chama a envolver amigos respeitadas, líderes da igreja ou outras pessoas pontuais que poderão nos ajudar a incentivar o arrependimento e restaurar a paz.

### *Vá e se reconcilie (Mt 5.23-24)*

<sup>23</sup>Portanto, se você estiver apresentando uma oferta no altar do templo e se lembrar de que alguém tem algo contra você, <sup>24</sup>deixe sua oferta ali no altar. Vá, reconcilie-se com a pessoa e então volte e apresente sua oferta.

Finalmente, a manutenção da paz ou a prática do amor envolve um compromisso de restaurar relacionamentos prejudicados e negociar acordos justos. Quando perdoamos os outros como Jesus nos perdoou e buscamos soluções que satisfaçam os interesses dos outros e os nossos, os detritos do conflito são eliminados e a porta é aberta para uma paz genuína.

É sobre esse tipo de prática do amor que nós temos aprendido de Paulo nesta carta a Filemom. Prove do amor de Cristo e pratique o amor cristão. Mais sobre isto na próxima mensagem: a intervenção do amor.

**S.D.G. L.B.Peixoto**